

Victor Hugo: a face oculta de um gênio

Maria do Carmo M. Schneider
UFES

Provavelmente nenhum outro escritor obteve de seus contemporâneos o reconhecimento de seu talento como Victor Hugo. Ao longo de toda sua existência de quase um século, o poeta nacional francês recebeu títulos e distinções que ninguém recebeu. Este grande escritor, por seu talento, deixou de ser cidadão francês para tornar-se cidadão do mundo, uma vez que sua obra literária, suas palavras no campo da política, seus pensamentos e suas idéias filosóficas, seu ardente devotamento às causas sociais influenciaram o mundo inteiro e beneficiaram de uma maneira singular a todos os povos.

Este trabalho não tem a finalidade de descrever a vida e a obra de Victor Hugo. Inúmeras biografias, realizadas por historiadores de distintas nacionalidades, já traçaram seu perfil de gênio. Nosso propósito é apresentar o escritor como um dos precursores do espiritismo na França e no mundo, prendendo-nos ao relato de seus primeiros contatos com os postulados espíritas e as manifestações mediúnicas através das mesas girantes (ou falantes) que começavam a ser utilizadas em Paris.

Desde que ele se inteira dos princípios espíritas, torna-se um de seus mais ardentes defensores como teremos oportunidade de provar neste trabalho.

O exílio e a experiência espírita de Victor Hugo

O início da experiência espírita de Victor Hugo data de 1853. Após o golpe de estado de Napoleão III, em 2 de dezembro de 1851, Hugo se exila em Jersey, pequena ilha situada entre a Inglaterra e a França, em 5 de agosto de 1852, acompanhado de sua família e onde o acolheram Augusto Vacquerie e numerosos proscritos. Lá foram vividos os primeiros anos do exílio.

Em setembro de 1853, Delphine de Girardin, em visita a Jersey por alguns dias, iniciou Victor Hugo na experiência da consulta às mesas girantes, prática muito em voga à época, que atestava a comunicação entre os supostos mortos e os vivos, sobre a terra, revelando um novo mundo de conhecimentos até então pouco conhecidos dos homens.

As longas sessões de espiritismo se sucederam durante dois anos, até que em outubro de 1855 terminaram. Os processos verbais das mesas falantes permitiram estranhos diálogos com diferentes personagens dentre os quais se destacavam Joana D'Arc, Maquiavel, Rousseau, Marat, Molière, Shakespeare, Galileu, Ésquilo e muitos outros. Hugo abraçou o espiritismo talvez em consequência do sofrimento causado pela perda de sua filha, Leopoldina, afogada em um acidente no rio Sena, juntamente com o marido.

A partir das primeiras reuniões ele tornou-se obsedado pelo sobrenatural: mesas girantes, sonhos, insônia, ruídos de pancadas e outros fenômenos registrados em seus cadernos de notas particulares arquivados hoje na Biblioteca Nacional da França. Mme de Girardin consultava os mortos e comunicava-se com o mundo invisível graças às mesas girantes (ou falantes). Foi por ocasião da primeira reunião mediúnica organizada por Mme de Girardin em Marine-Terrace, que Victor Hugo acreditou penetrar nos segredos das forças obscuras, quando, interrogando as mesas falantes, o primeiro espírito que se apresentou foi o de Leopoldina, sua filha morta em um naufrágio com seu marido, irmão de Augusto Vacquerie, médium e secretário das reuniões de espiritismo.

Mme de Girardin retornou à Paris, onde morreu dois anos mais tarde, mas sua partida não interrompeu as experiências uma vez que ela enviou de Paris duas mesas girantes que permitiram o desenvolvimento das experiências que se seguiram.

As experiências mediúnicas continuaram em Marine-Terrace até o fim de 1855; as atas dessas reuniões, escritas em cadernos, teriam constituído numerosos volumes se tivessem sido impressos. Gustave Simon publica, em 1923, setenta atas dessas reuniões (extratos) com o título *Chez Victor Hugo. Les tables tournantes de Jersey*.

Esta carta, enviada por Victor Hugo a Mme de Girardin em 4/1/1855, prova a continuidade das experiências:

As mesas nos dizem, com efeito, coisas surpreendentes. Como gostaria de conversar com a senhora, beijar-lhe as mãos, os pés, ou as asas. Paul Meurice contou-lhe que todo um sistema quase cosmogônico de palavras ocultas, e escrito pela metade, há vinte anos, foi confirmado pelas mesas, com explicações magníficas? Estamos vivendo em um horizonte misterioso, que muda as perspectivas do exílio, e pensamos na senhora, a quem devemos essa janela aberta. (Hugo, Correspondência, p. 91)

O literato francês Paul Meurice, amigo íntimo e grande admirador de Hugo, um dos executores testamentários da bagagem literária do escritor, encontra os referidos cadernos, dá conhecimento dos mesmos a Camille Flammarion que, em 1899, afirmava que eles existiam ainda, pois ele os havia folheado pouco tempo antes (Flammarion, 1899).

As anotações das reuniões espíritas eram feitas por Hugo, que exercia o papel de secretário. Sua esposa, seus filhos Carlos, Francisco Victor, Adélia, seus amigos Augusto Vacquerie, Teófilo e Emílio Guérin e Júlio Allix, Adolfo le Flôt e outros exilados sentavam-se à mesa como médiuns.

Hugo, que não duvidava da identidade desses interlocutores, tinha o cuidado de improvisar para eles estrofes e parágrafos, realizando um extraordinário diálogo com o mundo espiritual que se caracterizava ora por páginas de elevada filosofia consoladora, ora por respostas de franca ironia.

Vejamos, por exemplo, uma dessas trocas poéticas entre as duas partes, quando Hugo apresenta perguntas em versos a Molière, insistindo para que o escritor lhe responda:

Tu, que do velho Shakespeare aceitaste o desafio,
Tu que, perto de Othello, esculpiste o sombrio Alceste,
Astro que resplandece sob um duplo horizonte,
Poeta no Louvre, arcanjo no céu, ó grande Molière,
Tua visita esplêndida minha casa engrandece.
Me estenderás, lá no alto, tua mão hospitaleira?
Porque a fossa se abre para mim no chão,
Eu vejo sem medo o túmulo nas sombras eternas,
Pois eu sei que o corpo aí encontra uma prisão,
Mas que a alma encontra aí suas asas.

Mas é o espírito que se nomeia “A Sombra do Sepulcro” quem responde:

Espírito que quer saber o segredo das trevas,
E que, segurando nas mãos a terrestre chama,
Vem, furtivo, apalpando nossas fúnebres sombras,
Espicaçar a imensa tumba,

Retorna ao teu silêncio e sopra tuas velas,
Retorna à noite de onde algumas vezes saís;
O olho dos vivos não lê as coisas eternas
Por sobre os ombros dos que não vivem mais. (Flammarion, 1899: 291)

As afirmações dos espíritos eram em geral relativas, parciais e com uma linguagem adaptada ao nível do conhecimento e da compreensão dos homens (encarnados). Hugo exigia sempre que esta comunicação fosse transcendental, igualada ao divino. Como seus desejos fossem contrariados, o eminente poeta se aborrecia, o que levou certa feita o espírito de Galileu a advertir-lhe: “Se imperioso fosse que a mesa falasse, não a linguagem humana, mas a linguagem celeste, vós não a compreenderíeis!...” (Wantuil, 1994: 167)

Hugo acreditava plenamente nas manifestações dos mortos através das mesas e prova sua crença quando escreve, por ocasião de seus estudos sobre Shakespeare, em 1867:

A mesa girante ou falante foi bastante ridicularizada. Falemos claro. Esta zombaria é injustificável. Substituir o exame pelo menosprezo é cômodo, mas pouco científico.

Acreditamos que o dever elementar da Ciência é verificar todos os fenômenos, pois a Ciência, se os ignora, não tem o direito de rir deles. Um sábio que ri do possível está bem perto de ser um idiota.

Sejamos reverentes diante do possível, cujo limite ninguém conhece, fiquemos atentos e sérios na presença do extra-humano, de onde viemos e para onde caminhamos. (Hugo, *Shakespeare*, p. 183)

É ainda pelas anotações feitas por Adèle Hugo, filha do poeta, durante uma conversa entre Hugo e Augusto Vacquerie, a propósito da utilidade do diálogo com o invisível, que percebemos a posição do escritor diante dos fenômenos das trocas com o outro mundo.¹

Não creio nos fenômenos das mesas de u'a maneira cega. Se o livro que preparamos for dado a público, ver-se-á que sempre discuti com os espíritos; discuti respeitosamente, mas discuti; trago comigo duas luzes: minha consciência, que vem de Deus, e minha razão.²

É necessário esclarecer que certos analistas supõem que o próprio Hugo, se permanecia longe das mesas falantes, era o autor inconsciente das famosas composições de Jersey. Ele transmitiria seus pensamentos a seu filho Carlos que, por sua vez, os transmitiria à mesa. O pesquisador Jacques de Valay encontrou no manuscrito de *La Légende des siècles* uma anotação feita à margem por Hugo, e que consiste em uma resposta incisiva e indireta àqueles que consideravam esses escritos como uma fraude inconsciente:

É confirmado o fenômeno do velho tripé, estranho fenômeno a que tenho assistido amiudadamente: uma mesa de três pés dita versos por meio de batidas, e estrofes saem da sombra. Escusado é dizer que jamais misturei aos meus versos um único desses versos que provêm do mistério; estes religiosamente sempre os deixei ao desconhecido, que deles é o único autor; não lhes acolhi nem mesmo a sugestão; evitei-lhes mesmo a influência. O trabalho do cérebro humano deve conservar-se à parte e nada pedir de empréstimo aos fenômenos. As manifestações exteriores do invisível são um fato, e as criações interiores do pensamento são outro. A muralha que separa os dois fatos deve ser respeitada no interesse da observação e da Ciência. Nenhuma brecha deve ser feita, e um empréstimo seria uma brecha. Ao lado da Ciência, que defende o fenômeno, manifesta-se também a religião, a grande, a verdadeira, a obscura, a incerta, que o proíbe. É, então, repito-o, tanto por consciência religiosa, quanto por consciência literária, é por respeito para com o próprio fenômeno, que dele me isolei, impondo-me a mim mesmo não admitir nenhuma mistura em minha inspiração, de modo a conservar minha obra tal como é, absolutamente minha e pessoal ...³

Hugo definiu, assim a produção do seu espírito, separando-a daquela que vem do mundo desconhecido, dos pseudomortos. Entretanto, é através das revelações das mesas falantes que ele observa a impressionante confirmação de muitas de suas idéias filosóficas e religiosas, o que o leva a escrever em 19 de setembro de 1854:

Os seres que povoam o Invisível, e que vêem os nossos pensamentos, sabem que há vinte cinco anos me ocupo dos assuntos que a mesa suscita e aprofunda. Mais de uma vez a mesa me tem falado desse trabalho; a "Sombra do Sepulcro" incitou-me a terminá-lo. Nesse trabalho, evidentemente conhecido no Além, nesse trabalho de vinte e cinco anos eu encontrara, apenas pela meditação, muitos dos resultados que compõem hoje a revelação da mesa; vira distintamente confirmados alguns desses resultados sublimes; entrevira outros que viviam no meu espírito num estado de embrião confuso. Os seres misteriosos e grandes que me escutam vêem, quando querem, no meu pensamento, como se vê numa gruta com um archote; conhecem a minha consciência e sabem quanto tudo o que eu acabo de dizer é rigorosamente exato. E isto é tão exato, que fiquei por um momento contrariado, no meu miserável amor-próprio humano, com a revelação atual, que veio lançar à volta de minha

¹ Adèle Hugo *apud* Wantuil, 1944, p. 171.

² Victor Hugo foi aconselhado pelo espírito que se nomeava "A Sombra do Sepulcro" a não publicar essas comunicações; caso o fossem, deveriam ser póstumas (Robb, 1997: 338).

³ Hugo, 28 de fevereiro de 1854, *apud* Malgras, 1906, p. 43-44.

lampadzinha de mineiro o clarão dum raio ou de um meteoro. Hoje, tudo o que eu vira, é de todo confirmado pela mesa: e as meias revelações a mesa as completa.⁴

Apesar de seu cuidado em não se deixar influenciar pelos seres que povoam o mundo invisível, a comunicação permanente com os mortos durante seu exílio em Jersey influenciou sensivelmente as obras escritas nos anos que se seguiram a 1853, sobretudo os principais poemas do livro *Les contemplations* e as páginas apresentadas abaixo.

Em uma belíssima página poética de *Les Contemplations*, escrita em 1854, intitulada “O que é a morte”, ele dedica este verso aos incrédulos: “Não diga morrer: diga nascer; acredite” (Hugo, *Contemplations*, p. 412).

É mais uma vez em *Les contemplations* que ele canta a submissão do homem diante da vontade de Deus, em face das dores que afetam a humanidade; Hugo afirma, então, no poema À Villequier:

Eu digo que o túmulo que sobre os mortos se fecha
Abre o firmamento;
E o que acreditamos aqui em baixo ser o fim
É o começo. (Hugo, *Contemplations*, p. 255).

Infinidamente angustiado pela ausência de sua filha morta, Hugo escreve os versos “Amanhã, ao alvorecer”, nos quais dialoga, ternamente e em voz baixa, com sua filha morta, que sente ainda muito próxima a ele:

Amanhã, ao alvorecer, à hora em que clareia o campo
Eu partirei. Vê, eu sei que me esperas,
Eu irei pela floresta, pela montanha,
Eu não posso ficar longe de ti muito tempo. (Hugo, *Contemplations*, p. 253).

Em um manuscrito endereçado ao escritor Arsène Houssaye, Hugo envia uma bela poesia cujo tema é a reencarnação e a evolução progressiva do espírito, intitulada “Os destinos da alma”, cujos versos apresentados resumem perfeitamente a temática:

O homem é o único ponto da criação Onde para tornar-se livre, fazendo-se melhor,
A alma deve esquecer sua vida anterior.
Ele se diz: morrer é conhecer.⁵

Nós procuramos a saída às cegas;
Eu era, eu sou, eu serei.
A sombra é uma escada, subamos. (Hugo *apud* Dupouy, p. 217-218)

A propósito da imortalidade da alma, da progressão dos espíritos, da pluralidade dos mundos, Hugo expõe em *Pós-escrito de minha vida* as seguintes considerações que assinalam a influência dos postulados espíritas em seu pensamento filosófico:¹³

a) Deus é eterno. A alma é imortal.
b) A criação é uma ascensão perpétua do bruto para o homem, do homem para Deus. Despojar cada vez mais a matéria, revestir cada vez mais o espírito, tal é a lei. A cada vez que se morre, ganha-se mais vida As almas passam de uma esfera a outra, sem perder seu EGO, tornam-se cada vez mais luz, se aproximam sem cessar de Deus.

(...)

É esta ascensão sem fim, esta perpétua procura de Deus que, para a alma, é a imortalidade.

c) Morrer é trocar de roupas. Alma! Estáveis vestida de sombras, ides agora vos vestir de luz!

(...)

d) Sou uma alma. Sinto bem que o que levarei para a tumba não será meu EU. Este EGO irá além. Terra, tu não és o meu abismo. (Hugo, *Pós-escrito*, p. 31).

⁴ Hugo *apud* Escholier, 1928, p. 326–327.

⁵ Possivelmente no original deve estar escrito “renaître” (renascer).

A esses exemplos muitos outros poderiam ser aduzidos que evidenciam a crença nos postulados e princípios da doutrina espírita professados por Victor Hugo. A influência do espiritismo nas produções do insigne proscrito de Jersey se faz sentir quer em verso, quer em prosa e também na sua postura diante da vida e dos fatos que marcaram sua existência fecunda e laboriosa. É Camille Flammarion quem afirma em *Os Anais Políticos e Literários*, de 7/5/1899:

Victor Hugo, alguns anos antes de sua morte, por várias vezes conversou pessoalmente comigo em Paris; ele jamais deixara de acreditar nas manifestações de Espíritos. E esta inquebrantável crença, cujas raízes remontavam às experiências de Jersey, no convívio diuturno com as “mesas falantes” foi, para o gigante da literatura do século XIX, um incentivo para a vida, para o trabalho e para o amor a seus semelhantes.

Fomos buscar, nas afirmações do próprio Victor Hugo, enquanto espírito imperecível, as palavras pronunciadas no final de sua vida, que constituem uma verdadeira profissão de fé espírita e com as quais encerramos este trabalho:

Sinto dentro de mim toda uma vida nova, toda uma vida futura. Sou como uma floresta que por várias vezes foi abatida: os rebentos novos são mais fortes e vivazes do que nunca. Subo, subo para o infinito! Dizem que a alma não é senão o resultado do poder do corpo. Por que, então, minha alma é mais luminosa quando o poder do corpo começa a enfraquecer? Quanto mais me aproximo do fim, mais escuto em torno de mim as sinfonias imortais dos mundos que me chamam. Isto é maravilhoso e, contudo, é tão simples. É um conto de fadas e uma história. Há meio século que escrevo meus pensamentos em prosa, em verso, em filosofia, drama, romance sátira, ode, canção, etc. Tenho tentado tudo, mas sinto que não disse a milésima parte do que existe em mim Quando me curvar para o túmulo, poderei dizer como tantos outros: meu dia de trabalho começará de novo amanhã. A sepultura não é um beco sem saída, é uma passagem. Ela se fecha no crepúsculo, ela se reabre na aurora! (Hugo *apud* Dupouy, p. 216–217).

Referências

DUPOUY, Edmond. *L'au-de-là de la vie*. Paris: [s.n], 1917.

ESCHOLIER, Raymond. *La vie glorieuse de Victor Hugo*. Paris: [1928].

FLAMMARION, Camille. *Les expériences de Victor Hugo à Jersey et du groupe fouriériste à Paris. Les Anales Politiques et Littéraires*, mai./1899.

HUGO, Adèle. *La Revue de Paris*, avr./1950.

HUGO, Victor. *Obras completas*. Trad. Hilário Correia. São Paulo: Américas, 1959. 44 v., v. 30: *Atos e palavras*.

_____. v. 37, t. 2: *Correspondências*.

_____. v. 21: *Coisas que eu vi*.

_____. v. 32, t. 2: *Pós-escrito de minha vida*.

_____. *Les contemplations*. Paris: Nélon Editeurs, 1856.

MALGRAS, J. *Les pionniers du spiritisme en France*. Paris: (s.n.), 1906.

ROBB Graham. *Victor Hugo*. London: Picador, 1997.

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1994.